

O Sardão

Director e editor

Antonio Figueiredo Carvalho (o Roxo)

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

RUA D. ANTONIO BARROSO

BIBLIOTECA MUNICIPAL

Composição e impressão

DE BARCELLOS

TYP. MINERVA-FAMALICÃO

Publica-se nos dias em que sahir

FOLHA ILLUSTRADA COM ASPIRAÇÕES A HUMORISTICA

MUNICIPIO DE BARCELLOS

BIBLIOTECA

Redactores: Riffenho, Pepino, Fabião, Cagalhusas, Melias e Nabuco

2.º Anno

Barcellos, Abril de 1911

N.º 12

Muito obrigados

Ainda derreados, com os braços desconjuntados, mal podendo sustentar a penna, no verdadeiro estado de *esbodégados* em que nos deixou o Carnaval depois do tidoiteio incessante de serpentinas e varios outros projecteis com que batalhamos, nós vimos, de chapéu na mão, de risca ao lado das nossas cabelleiras pombalinas, e saptos de laço com linda fivella, que comprimindo-nos os callos nos martyrisam, curvar-nos perante vós, senhoras barcelenses, e especialmente perante as gentis damas da commissão da recepção aos estudantes, agradecendo reconhecidissimos a fórmula distincta como soubestes collaborar na nossa festa e, sobretudo, engrandecê-la, porque sem vós não teria nem o brilho, nem a graça que teve. (Muito bem fallamos!)

Foi tambem incansavel, muito mais talvez do que se se tratasse de algum enterro, o nosso amigo sr. João Esteves. Venha de lá um *chi* muito apertado e creia na gratidão d'estes pobres pelintras e na do «Sardão» que fará sempre o possivel por lhe ser agradavel...

A imprensa, que quiz honrar-nos com referencias que tanto nos alambasaram, aqui deixamos tambem o nosso agradecimento, desejando-lhe muitos assignantes, muito original e politica favoravel para não faltar assumpto.

A todos aquelles que, esquecendo a vida, se vieram alistar nas fileiras destemidas do nosso exercito batalhador, a todos aquelles que vieram collaborar

na nossa festa realçando-a com a sua presença e honrando-nos com a sua camaradagem n'um acto tão arriscado e de abnegação como esse, cumprimentamos muito gratos desejando-lhes muito boas-festas e um anno novo muito feliz.

Emfim, a todos em geral e a cada um em particular nós só temos que agradecer offerecendo os nossos limitados prestimos para tudo quanto não seja preciso, fazendo votos para que, para o anno, se o *Radical* consentir, se façam festejos ainda mais rijos e para que, embora com mais settas que o S. Sebastião que a sê Mariquinhas venera na igreja matriz, nós sejamos todos visinhos, trincando com razoavel appetite uma codinha de broa e comendo um caldinho de nabichas com feijão fradinho sem sentir enfartamentos nem dôres de estomago.

E agora, ainda de chapéu na mão e de risca ao lado, os raios dos sapatos continuando a comprimir-nos impiedosamente os callos, já na soleira da porta em salamaleques e tregeitos, com cara de santinhos, sendo nós uns refinadissimos tratantes, apresentamos as nossas despedidas a V. Ex.^{sa} tendo-nos, antes de fechar a porta da rua, curvado mais uma vez, chegando emfim á rua onde já de chapéu na cabeça fazemos figas á ideia que tivemos que nos deu que fazer.

ANECDOTA AUTHENTICA

N'uma soirée:

Um professor de dança para a alumna: V. Ex.^a dá muito na walsa! Creia que já se meche muito regularmente; com mais duas... outras... lições fica habilitada!...

CORISCOS

Nós e o «Radical»

No n.º 13 do *extra-partidario* «Radical», na secção *Respigando* e com a epigraphe *Carnaval*, lia-se entre muitas palavras *sonicas* dissonantes, o seguinte:—*E' deploravel que n'um periodo de fome como o que infelizmente, a monarchia nos legou e a republica ainda não pôde debelar por completo, se esbanje em tam ridiculas vaidades dinheiros que poderiam suavisar algumas miserias.*

Não menos de lastimar é que no momento que atravessamos, em que todas as actividades deveriam convergir para a obra grandiosa de regeneração iniciada em 5 de outubro, se perca tempo e desperdice trabalho em velharias d'esta natureza.

Nunca suppozemos os amigos radicalistas tão esfomeados e julgavamos que para compensar os dinheiros por nós *esbanjados em tão ridiculas vaidades*, elles, os *puritanistas* que tanto desejam a consolidação da Republica atacando-a por varias vezes no seu jornal, se abstivessem de taes folguedos e guardassem os seus miseros patacos, ou até, para não verem taes calamidades, que abandonassem a terra que os viu nascer ou que os viu entrar no seu seio ainda com a mamadeira na bôcca. Mas não.

Elles gastaram, e gastaram como nós, em carros e serpentinas, porque os vimos, e em entusiasmo podemos afirmar que nos *suplantaram*.

Pella coherencia e bonito exemplo, que nos teria tapado a bôcca, seria o dos nossos sisudos collegas, se tivessem feito o que esperavamos. Gastaram tambem dinheiro em *ridiculas vaidades*, demonstrando assim terem a *givar nas veias o tino, o juizo e o bom senso* a que a «Folha» tão espirituosamente se referiu n'um dos seus ultimos numeros.

Não julguem os collegas que com o seu *suelto*, nos vieram offender. Não.

O nosso fim, o que agora temos em vista, é lamentar a falta de coherencia em que caíram e recommendar-lhes evitem dar mais exemplos de tão pouca rectidão como esse.

Concordamos em que a monarchia nos legou muita fome, mas tambem concordamos, e podemos até afirmar, que com as nossas festas demos de comer e remediamos a vida a algumas familias.

Parece-nos que o fazer bem não consistirá no acto vergonhoso de andar de porta em porta, dando com ares philanthropicos uma misera moeda de cinco tostões, se a isso se póde chamar fazer bem.

Fomentando o trabalho, auxiliando o commercio, chamando aqui, sob qualquer pretexto, pessoas estranhas á terra, cremos ser uma forma mais digna e até mais amplamente benefica de contribuir para o bem geral.

Dêmos dinheiro a ganhar, estimulamos o artista por uma forma muito honrosa, e conseguimos que os que teem mais, dessem aos que teem menos.

Para nós nada ficou, porque a receita do espectáculo não cobriu as despezas e, mesmo que assim não fosse, dado o caso de que tivéssemos uma abundante receita, fiquem sabendo os *avançados* collegas que a haviamos de applicar muito dignamente, e sem opprimir ninguém.

Se vamos a velharias, achamos tão velho fazer festas no Carnaval como dar ceias para solemnizar o nascimento de Christo, se é que este facto alguma vez se deu.

N'outro numero do mesmo jornal, cremos que no 19, e com a mesma epigraphie, vemos uma justificação que a nosso vêr é mais censuravel que o *suelto* a que acima nos referimos.

Não quiz o *Radical* dar noticia das festas carnavalescas, e fez muito bem depois de as haver condemnado. Achamos que andou bem, mas esta justificação, esta explicação das razões que o levaram a não noticiar as festas, é que é merecedora de grandes censuras. Peor a emenda que o soneto.

Não nos consta que alguém tenha reparado na falta d'essa noticia e da nossa parte, creia o collega, nenhum reparo houve.

Emfim, já basta de massadas e de manifestações agradaveis ou desagradaveis que, por e-tarem prohibidas por edital, nos podem levar á cadeia, visto que é responsavel tanto quem as faz como quem as recebe. *Xiça!*

Vão-se emendando os collegas e deixem esse espirito maligno que os apoquentá.

Vão ao Amparo a vêr se o mafarrico os abandonará por uma vez. E' tão lindo ser sincero e leal!...

E, para terminar, pedimos-lhes o favor de não nos responderem, pois como o *Sardão* não é semanal não póde travar questão e se o quizer fazer tem de guardar bastantes numeros do *Radical* para sabe por onde lhes hade *entrar* apesar de n'isso ter alguma pratica.

Sobre a visita da tuna academica ás redacções dos jornaes, os nossos presadissimos collegas dissram que os estudantes tambem cumprimentaram a redacção de um jornal humoristico. Não lhes sabem o nome? Nós lh'o di-emos: E' o «*Sardão*». Os nossos amigos não conhecem o *Sardão*? Não neguem! Conhecem, conhecem... Não se façam ingenuos que lhes fica mal.

O *Sardão* é bem conhecido e para os amigos, até com sacrificio, está prompto a ser lhes agradavel. Verdade é que tem um genio bastante desesperado e é de temperamento irrequieto, mas em face de bons camaradas põe de parte o mau genio, para se estirar de prazer, e procurar pela mei-

guice conquistar a sua amisade. Estaes satisfeitos?

Adeus, filhinhos!...



Hoge Ha Sessão

Foi este o letreiro que vimos na fronteira do elegante edificio cinematographico sito no Largo da Porta Nova. Deu-nos, é claro, na vista aquelle *g* do *hoge* mas, pensando em que aquillo seria orthographia sonica aconselhada pelo *Radical* em artigo conselheiral como o dedicado á «*Mocidade*», encolhemos os hombros e, reconhecendo a nossa ignorancia no assumpto, seguimos em direcção ao jardim onde vimos a relva a despontar e o sr. Albino a puxar ao cylindro (sem offensa) na ancia de vêr já calçado o saibro das ruas. Aborrecidos com aquelle triste espectáculo de devastação que tanto aformoseou o nosso jardim publico, retrocedemos e fomos pela estrada do Campo da Feira, hoje da Republica, abaixo, onde vimos collocadas mais algumas luminarias, graças á energia e dedicacção lampeanistica do dr. Gonçalo, e, mais adiante, junto ao adro do templo do Senhor da Cruz, um confessorario pintado de verde, nada feio no seu conjuncto e nada desprezavel na sua utilidade, tal qual como um que já haviamos visto junto á capella do S. Christovão.

Intrigados tambem com a collocacção de taes moveis immoveis junto ás capellas e igrejas, fomos inquirir da sr.^a Anninha Canaria o motivo de tal resolução. A sr.^a Anninha, sempre alegre e jovial e olhando-nos com toda a meiguice seductora da sua florescente mocidade, sentando-se na beira do espaçoso beito do chalet moralista, disse-nos que aquillo por certo foi decreto da Republica prohibindo as confissões nas igrejas, e que por isso alguém, que ainda nos tempos d'hoje conserva dois dedos de religião, resolveu mandar collocar os confessorarios junto aos adros, ou proximo das igrejas, para *qu'a fé* não fosse toda perdida por esses cantos ao Deus dará. Agradecendo á sr.^a Anninha estas sensatas considerações, e na *qualidade de representantes para todos os effeitos* da redacção do *Sardão*, fomos seguindo em direcção á rua Direita, ou melhor dito á rua D. Antonio Barroso, por um triz Manoel Viana, quando vimos o sr. Arnaldo Azevedo gesticulando e berrando com o sr. Guedes filho, distincto fabricante de pão do ló, rubequista eximio, *auto lucista* e *cinematographista* electricista e muitas mais coisas que agora não nos lembram, d'uma forma pouco fóra da acalmacção.

Approximamo-nos e podemos averiguar que a causa da questão era aquelle *g* que tanto nos havia dado que pensar. Ora—dizia o Guedes ao Arnaldo—você não sabe que o *g* antes de *e* e *i* vale *j*?—Sei perfeitamente—dizia o Arnaldo—mas que tem isso para o caso?—Tem que, então, não tem você razão para achar mal alli o *g* porque está antes de *e*. João, por exemplo, já não se póde escrever com *G* porque então ler-se-ia *Goão* por o *G* estar antes do *o*.

A questão estava-se a complicar de cada vez mais e quasi estavamos para telegraphar ao sr. Candido de Figueiredo, quando nos apparece o sr. Fuleão sobraçando a grammatica do Bento José d'Oliveira. N'isto, surge dos lados do jardim o nosso collega do *Radical* João Casto que, vendo aquelle ajuntamento, estugou o passo e veio apressado ter connosco.—Então que ha? Contamos-lhe o que se passava—Nada de sustos, senhores,—disse o nosso amigo—posso afirmar, porque a isso me auctorisa a minha larga vida jornalistica e o meu labutar incessante nas letras, que o *g* segundo as modernas grammaticas e o systema adoptado no jornal de que faço parte, como deverião ter visto, está bem posto. Mas,—ia a objectar-lhe o Arnaldo—Não ha mas: O *g* está bem posto.

Todos se calaram olhando o chão ainda insatisfeitos.—E' o que lhes digo. Os *gg* como *hh* são admissiveis ainda em muitas palavras e senão vejam: Balthasar tem ou não tem *h*? Herculano tem ou não tem *h*? Harpagão tem ou não tem *h*? Pois assim como todos estes nomes teem *h* tambem os *gg* podem existirem muitos, e portanto, o *hoge* com que os surs. estão embirrando está muito bem. E querem que lhes diga? não sei como o meu collega Antonio Albino escreveu no cabeçalho do seu jornal: «Era Nova», quando devia escrever «Hera Nova?»

E, dizendo isto, o nosso amigo seguiu para o largo José Novaes, onde foi fallar com o continuo dos bombeiros sobre uma contasita que estava em divida de uns serviços prestados n'um critico quarto de hora imposto pelo *representante para todos os effeitos dos gg provisórios em Barcellos* e no letreiro do cinematographo que, afinal para bom entendedor é o sr. Guedes, como já o seu nome indica, pois a primeira letra do Guedes é—*G*.

Sanado que foi este conflicto entramos na rua D. Antonio Barroso, onde se andava a proceder á limpeza. A poeira era intoleravel e, aos poucos segundos da varredela, vimos os seus esmerulhosos moradores deitar para a rua toda a casta de porcaria, no intuito de embelezar a rua e, assim, contribuir para os lucros do arrematante do lixo. Em brio e limpeza ninguem os excede. Lá verdade, verdade!

Chegados que fomos ao fim da rua, isto é ao café do theatro, encontramos o nosso imprescindivel, inconfundivel e disfructavel Zé Callisto, fumando uma cigarrilha Negrita, e ajoelhado diante d'elle o pobre Pirolé que, com o panuo velho de um guarda chuva gentilmente cedido pelo sr. Antonio Portella, lhe limpava as botas de camurça e biqueiras de verniz que elle mandára fazer antes da sua viagem precipitada a Lisboa e Monsanto. Dentro do café os trabalhadores incansaveis do costume, jogando as damas, o dominó, etc., etc., e cortando na vida alheia melhor que o nosso alfaiate sr. Barbosa o forro d'un collete.

Desciamos já a rua do Infante D. Henrique quando nos lembrou ir vêr o novo guarda-vento da igreja matriz e solicitar do sr. Zé da Mãe uma conferencia sobre este assumpto. Reccebendo-nos gentilmente, sua excellencia mostrou-nos como funcionavam as dobradiças de vac e vem, que faziam abrir a porta para ambos os lados, e fez-nos vêr a vantagem d'aquella obra, já em projecto nos tempos longinqua da monarchia, principalmente sobre a commodidade de que goza agora quem alli tem por costume passar a vida desfiando rosarios, sem ter meia em casa para fazer, nem roca com estopa para fiar.

D'alli seguimos pela rua do Barbadão, onde vimos representadas as mais nobres e *azuladas* estirpes zoologicas—queriamos dizer genealogicas—e, na nossa frente, a grande casa confiscada e ainda incompleta da sociedade foragida e onde por certo nós mais tarde poderiamos vêr e cumprimentar os nossos exilados Frei Manoel das Chagas, Campo Santo e tantos outros representantes da sociedade da Mão Negra. Curvamo-nos tambem ante o pelourinho e

Muzeu

(Continuação)

A *peanha* do Buiça.
O *cache-col* da D. Joaquina.
O *laço democrata* do radicalista editor
A *rôsea* do Guedes
Os *panazios* do Zé Calixto
O *monoculo* do Ferreira
O *côco* do *Segura-me os olhos*
A *toalha do rôsto*, imitação *cache-col*, do Zé Antonio.
O *poeta de pé e meio*
A *galinha*... assada do «Radical»
A *guarita* da auto-lux
O *inteiro* traíçoeiro do John Stern (João Severo).
O «O do órgão das damas»,
O *pardessus* á Esquimó do sr. Cardoso.

E' do dominio das más línguas

Que o *Sardão*, d'esta vez, sae um pouco tarde.
—Que isso não admira, visto o tempo não o ter permittido.
—Que, por não concordar com o parographo 15 do artigo 69 da lei eleitoral, o J. Casto vae abandonar a politica.
—Que tem sido muito felicitado pela sua orthodoxa attitude.
—Que o partido *Radical-papista* perde, com isso, um dos mais prestigiosos vultos.
—Que o mundo politico acaba de sofrer um rude golpe.
—Que um dos melhores numeros do carnaval foi, sem duvida, a inauguração dos celebres *bailes do pepino*.
—Que foi uma bella iniciativa que muito honra os laureados promotores.
—Que esse genero de *sport* estava já bastante esquecido entre nós.
—Que agora chegou ao seu maior apogeu.
—Que tal tem sido o *enthusiasmo*, que as cavacas encareceram.
—Que o arroz de lampreia não tinha *estragido*.
—Que um successor de S. Pedro é um dos maiores *enthusiastas*.
—Que não dança porque cança.
—Que não tem tóca para deixar viver o *móca*.
—Que os sapateiros declarar-se-iam em greve, caso paralyassem os bailes.
—Que o *Sardão* vae ser fusilado, por não se declarar solidario com tão *infernal bambochata*.
—Que em casos tão melindrosos, como este, vae por a vida no seguro.
—Que, apesar de sentenciado, não teme a morte.
—Que até á Paschoa se não chover.

Quadras ambigüas

Com esses labios tão finos,
Que m'amas, embora digas,
Eu não creio em que tu m'ames,
Nem que em m'amando prosigas.

suas gargalheiras e correntes, vindo-nos á memoria esses tempos saudosos em que estes *monumentos* eram tão uteis á sociedade, e ao mesmo tempo, sentindo que agora com a Republica se não podesse utilizar para o mesmo fim esse granítico instrumento de castigo onde, com grande satisfação nossa, desejaríamos vêr como unico e legitimo representante, para todos os effeitos, do pulhismo qualquer imbecil... cidadão que nos mordesse.

Contornamos as Torres, onde vimos em estado adiantado o projecto Korrodi e o seu muzeu e bibliotheca dos tempos medievaes, cercado pelo cuidado jardim de entrada onde desabrochavam as mais raras e caprichosas flores humanamente alli depositas.

Tinhamos chegado ao termo do nosso passeio e concentrando um pouco o nosso espirito e mortificado, concluimos por dar razão ao le-treiro do edificio cinematographico que todos devem visitar: **Hoge** Ha Sessão.

Ha effectivamente, sessão e das mais variadas.

Notas impagaveis

Da caderneta militar do mancebo Zé Antonio, extrahimos os seguintes e curiosos signaes característicos:

Altura — insignificante; Olhos — picados das bexigas; Nariz — aduncó; Bôcca — grisalha; Cabellos — ás riscas; Barba — azul; Rosto — um metro e sessenta e nove; Cór — comprida.

Habilitações litterarias e profissionaes.

Antes e depois do serviço militar — Noções rudimentares da Polytechnica e Academia; pratica de sacar, a titulo de emprestimo, algumas placas; conhecimentos geraes do equilibrio do vinho em botijas arrolhadas; conveniente preparação da Badiana Phosphatada; ideia summaria da divisão do esphatado do grillo, em pança ou bandulho, tomago do grillo, em pança ou bandulho, barrête, folhoso e coagulador; principaes effeitos das pilulas Pink applicadas aos morcôgos contra o mau hálito das garras; canto celestial e gymnastica nipponica.

Durante o serviço militar — Manejo da Mauzer e de mais espingardas de carregar pela bôcca; Iustrar botas; prova dos setes por meio dos logarithmos; analyse e synthese da flôr d repólho; fabrico especial da pomada «Epaminondas»; cultura do alho e suas principaes metamorphoses; emigração das aves pernaltas; dimensões e capacidade da arca de Nôe; theoria acerca da acidez da boteifa pela applicação da ampulheta, etc etc.

Penas impostas — Quatro dias de pret adiantados, por ser pontual á formatura do rancho.

SILHUETA

Sabeis-me dizer quem é
O *ministro* de maior pança
Frequentador de café,
É que de tudo faz chança,
Quando se apresenta fumando,
Um charuto oferecido,
Dando de vez emquando
Aquillo... que eu agora não digo?

Os grandes Carapetões

O *Jornal de Noticias* impingiu ha dias, nas suas columnas, isto:

EM BERLIM

Os prégos dos chapéus de senhoras

Ha cêrca d'um anno, as auctoridades de Berlim, impressionadas pelos desastres continuos a que davam logar os enormes prégos dos chapéus das senhoras, trataram de prohibir o uso d'esses perigosos objectos de adorno, que a cada passo deixavam um transeunte com um olho vazado, ou com o rosto picado ou arranhado.

Por iniciativa do prefeito de policia inventou-se uns protectores contra esses afiados espetos — uma pequena bola de metal ou cautchouc que se adaptava á ponta dos espetos em questão — mas os que vendiam esses protectores não chegaram a ganhar para o seu custo, ao passo que os malditos prégos augmentaram cada vez mais de comprimento e os desastres continuaram a succeder-se.

Pois o prefeito de policia acaba de fazer publicar um edital, prohibindo, sob as penas mais severas, que as senhoras continuem a usar esses formidaveis espetos e, principalmente, sem lhes trazerem as pontas devidamente protegidas.

Não temos duvida nenhuma em confirmar esta noticia nem em jurar aos Santos Evangelhos que ella é a pura expressão da verdade, porque não ha muito tempo que n'esta villa se deu o seguinte acontecimento:

Passeava uma senhora barcelense vestida de encarnado e com um chapéu do tamanho do lago de S. José, pelo braço de seu marido, n'uma das largas avenidas da villa, quando surgiu, vinda dos lados de Vianna, uma manada de touros bravos que vinha de ser corrida na praça d'aquella cidade.

Um dos touros, ao vêr os vestidos encarnados da dama, tresmalhou e propunha-se a investir com as suas afiadas pontas a indefeza senhora, quando esta n'um gesto heroico, arranca o prégio do chapéu, e, como um *diestro e valiente matador de toros*, trespassa o bicho de lado a lado, deixando-o prostrado n'um lago de sangue. Os outros ao verem isto, arrebitaram o rabo e, á galguinhos... ninguem mais os viu!

A corajosa dama salvou assim a sua vida e a de seu marido.

O sr. administrador do concelho, ao ter



conhecimento d'isto, intimou logo as nossas gentis patricias portadoras de tão perigosos instrumentos, a munirem-se de licença de uso e porte de arma, e agora quem tiver amor á pelle não se metta com ellas. Isto não fomos nós buscal-o ao estrangeiro como o *Fornal de Noticias*, mas sim á nossa cuidadosa reportagem nas ruas de Barcellos.

Declaração

Por motivos particulares deixa de ser director do *Sardão* o nosso presado amigo João Duarte, a quem penhoradamente agradecemos as provas de amisade e confiança com que sempre nos distinguiu.

Fazemos esta declaração a pedido d'este nosso amigo, e, sobretudo, para provarmos aos *republicanos-positivistas* do «*Radical*», que mais uma vez foram *comidos*.

Ai meninos!... é tão certo:
Beati paupers spiritus...

Dialogo entre... amantes

—Confesse, viscondessa; não ha nada mais triste do que um casamento sem *amor*...

—Certamente! certamente! Laura; mas olhe que é ainda muito peor um *amor* sem... *casamento*.

Sua tola!..

Sociedade

Partiu para Barcelinhos no seu bello automovel marca *pallhetas* o sr. José da Graça Faria.

—Regressou hontem a sua casa, depois de algumas horas de permanencia na tabacaria, o sr. Alonso.

—Fez hontem quinze risonhas primaveras—exatamente no mesmo dia em que fez quatorze no anno passado—o menino Antonio Paes de Faria.

—Deu á luz com a maior felicidade uma criança do sexo neutro o sr. David, relojoeiro.

— Nas ultimas inspecções ficou apurado para artilharia o sr. Humberto Gonçalves.

—Acha-se incommodado dos callos o sr. Perna de pau.

—Partiu quinta-feira, com curta demora, para o campo da Republica o sr. Antonio Portella.

—Regressaram do Gerez todas as pessoas que para alli tinham ido a fazer uso das aguas.

—Está melhor dos seus incommodos o gatinho do sr. Guedes.

—Esteve no Porto o recoveiro Pereira.
—Acha-se em Braga o sr. Arcebispo.
—Partiu com direcção a Espozende o carro da mesma villa.

—Chama-se Antonio Maria um filhinho do sr. Pintinho da rua Direita.

—Está com a esgana o cão do sr. Francisquinho.

—Estão na cadeia os presos que lá se encontram.

—Está um pouco torta a rua Direita.

—Tem o badalo gasto o sino da Igreja.

—Morreram repentinamente varios bois no matadouro d'esta villa.

—Encontram-se em Braga, afim de fazerem tirocinio para chauffeur, os distinctos sportmans barcellenses srs. Luiz Fonseca e João de Casto.

—Está peor da sua bôlha o auctor d'esta secção.

Na familia

Lêmos no jornal *Patria Nova*, semanario republicano que se publica em Braga, o seguinte, que gostosamente transcrevemos no nosso jornal:

Não são só as nações que possuem os seus ministerios; as familias tambem os teem.

Ministerio do Interior—A esposa.

Ministerio do Exterior—O marido.

Ministerio da Fazenda—O pae.

Ministerio da Guerra—A sogra.

Ministerio da Justiça—O avô.

Ministerio da Marinha—Os filhos.

Ministerio dos Correios, telegrapho, etc.

—A creada.

Concordamos com o collega e principalmente quanto ao Ministerio da Guerra.

Instantaneos

(Continuação)

Qual é o republicano mais audaz?

O Arnaldo Braz.

Quem corre as ruas de noite e no prazer é mixto?

O Zé Calisto.

Quem é de St. Luzia o laçao?

O Cagaio.

Quem ainda hoje por mulheres é um guloso?

O João Terrôso.

Quem não dá nada de mão, mas creio dará de sella?

O padre Lamella.

Quem é mui nosso amigo mas debalde?

O... Alcalde.

Quem é conquistador dos Areas?

O Zé dos Beiraes.

Qual dos republicanos é o mais propagandista?

O Barro, dentista.

Quem tomou conta da... *passa* do Antoninho Mathias?

O Zacharias.

Quem não é adhesivo e anda atrás d'aquella... couca?

O João de Souza.

Quem vas entrar a capitulo porter do enfreada a gorge?

O Jorge.

Quem no seu tempo foi um grande maganão?

O S. João.

O que é, que, leitor, para ti querias?

Um... *canil* do Antoninho Mathias.

Qual dos jornalistas é o mais peceguinho?

O Mindinho.

Quem tem o *rétro* secco e as mãos mui pequeninas?

O Padinhas.

Lei eleitoral para todos os efeitos

Importante reforma

Todo o cidadão, *na sua qualidade de portuguez*, fica sabendo, *para todos os efeitos*, que d'hoje para o futuro as *antigas* listas ficar-se-hão chamando, *para todos os efeitos*, boletins.

Zé Antonio, *unico representante para todos os efeitos da Sociedade Protectora dos Animaes...*

Um ideal

Então, Virgilio, que tal te tens dado com a Republica?

—Eu não quero saber de republicas; eu quero saber unicamente do meu ideal.

—Qual é o teu ideal?

—Ora, o meu ideal é... é... *a natureza*.

Se não percebeu, percebesse.

Edital

O cidadão Pinto Canginhas da Fonseca Gaio, *unico representante, para todos os efeitos, da vaidade e da palermice:*

Faço saber que no uso da faculdade que nunca me conferiu artigo algum do Codigo Administrativo, prohibo expressamente que, sem prévia auctorisação minha, *pelo escripto*, se faça uso das saias-calções em Barcellos quer sejam de carcella ou de alçapão, e que tornarei responsaveis pela transgressão a esta *minha ordem* não só quem as vestir como as proprias calças-saias, ou saias-calções que ousem enfiar-se em pernas femininas.

E para que chegue ao conhecimento de todos, serão affixados mais dois exemplares d'este edital, um no canudo das Torres, outro na Praça de Touros, ficando este na porta da minha residencia para testemunho de que quero, posso e mando na qualidade de representante para todos os efeitos, da vaidade e da palermice.

Barcellos, 31 de fevereiro de 1911. E eu Paulino Pancrácio de Pina Pavão, secretario, o subscrevi.

Pinto Canginhas da Fonseca Gaio.